

O sectarismo político nos EUA e as suas consequências para a Europa

Um dos principais motivos pelos quais as eleições norte-americanas devem preocupar a Europa está ligado às profundas divisões internas dos EUA e ao crescente sectarismo político que impregna o país.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 7 de novembro de 2022

1. Se os EUA não fossem a maior potência global, nem a Europa estivesse tão ligada e dependente destes, as próximas eleições intercalares de 8 de Novembro de 2022 seriam uma mera curiosidade. Mas não é esse o caso, como a guerra da Ucrânia faz lembrar de uma forma demasiado evidente, mesmo aos mais distraídos. Assim, é impossível ignorar as potenciais consequências para a Europa dessas eleições em que vai ser disputada a totalidade dos 435 lugares da Câmara dos Representantes e também 35 dos 100 lugares do Senado. Se ocorrer uma alteração de poder no Congresso — o nome do parlamento bicameral dos EUA —, terá prováveis reflexos também no mundo exterior. É necessário notar que as eleições intercalares ocorrem a meio do mandato presidencial, pelo que são propícias à manifestação de descontentamento dos eleitores face ao Governo no poder, actualmente do Partido Democrata. Nesta altura, este controla a presidência e ambas as câmaras do Congresso dos EUA, ou seja, detém supremacia federal nos poderes executivo e legislativo. Todavia, se houver uma alteração substancial na composição do Congresso — com perda de uma das câmaras pelo Partido Democrata, ou, de forma mais acentuada, das duas câmaras —, as implicações serão certamente sentidas dentro e fora do país.

2. Um dos principais motivos pelos quais as eleições norte-americanas devem preocupar a Europa está ligado às profundas divisões internas dos EUA e ao crescente sectarismo político que impregna o país. Não se trata de banais diferenças ideológicas, nem das controvérsias políticas e do pluralismo de opiniões que são inerentes à própria democracia liberal. Tais diferenças, controvérsias e pluralismo implicam, necessariamente, algum grau de polarização numa determinada comunidade política. Todavia, quando a polarização política ultrapassa um certo nível e entra num processo de manifesta radicalização — sendo difícil dizer onde se encontra esse ponto exacto —, começa a ter efeitos negativos no grau de coesão da sociedade, na própria democracia e no funcionamento das instituições sociais e políticas. É isso que tem vindo a acontecer nos EUA nos últimos tempos, como evidenciam Eli J. Finkel *et al.* em “Political sectarianism in America” (in *Science*, vol. 370, n.º 6156, 2020, pp. 533-536). Tal como é explicado nessa análise da transformação da política norte-americana e das razões que lhe estão subjacentes, a qual tem raízes nas décadas anteriores, esta adquiriu ultimamente características de um sectarismo político.

3. A qualificação da política dos EUA como impregnada de sectarismo político não é feita ao acaso. Não se trata apenas de descrever as divisões políticas com uma terminologia diferente da usual. Como fizeram notar os já citados Eli J. Finkel *et al.*, significa que a política dos EUA é marcada por três ingredientes, os quais, embora isoladamente possam não ser problemáticos, em conjunto são potencialmente explosivos: (i) o rival político é visto como o “outro”, ou seja, alguém diferente, alguém estranho, alguém que tende a estar fora da mesma comunidade política; (ii) há uma tendência para uma grande aversão aos opositores políticos, para desconfiar profundamente deles ou até para os abominar; (iii) o discurso político está impregnado de um substrato moral amplamente divergente, o qual leva a ver os opositores políticos como movidos por ideias malignas e imorais. Como Eli J. Finkel *et al.* notaram, quando estes três ingredientes convergem, “as perdas políticas podem ser sentidas como ameaças existenciais que devem ser evitadas” a todo o custo. Há, assim, uma espécie de cisma em curso na política dos EUA (veremos se será revertido). Tradicionalmente, um cisma é o acto pelo qual os sectários de uma religião deixam de reconhecer a legitimidade da autoridade religiosa a que antes estavam submetidos. Nas formas tradicionais de sectarismo — historicamente ligadas à religião —, a identidade política sempre foi algo secundário, mas, agora, no caso de sectarismo político, a identidade enraizada em visões do mundo e valores antagónicos emerge como central nas lutas.

4. Um dos paradoxos dos EUA, com implicações também para a sua política externa, está ligado à ideia de ser o centro contemporâneo do Ocidente. Provavelmente, nunca se falou tanto de Ocidente como no actual contexto político devido à invasão da Ucrânia pela Rússia e ao firme apoio dado aos ucranianos pelos EUA, União Europeia e outros Estados vistos como ocidentais. Todavia, é nos EUA que o passado ocidental/europeu — e sua identidade como derivando desse passado — é mais contestado. Encontra-se no centro das lutas de identidade, que são, simultaneamente, intensas lutas políticas. O exemplo mais recente é “O Projecto 1619”, posteriormente publicado também em livro, uma iniciativa do jornal *The New York Times* e da sua jornalista Nikole Hannah-Jones. Nesta releitura da história, o ano de 1619 — quando os primeiros africanos escravizados chegaram às colónias inglesas as quais deram, mais tarde, origem aos EUA em 1776 — seria agora o marco fundador. Mas na história anglo-saxónica americana a identidade ocidental do país deriva, na sua génese, de outra data marcante: a viagem dos *pilgrims* no *Mayflower*, o qual saiu de Inglaterra no Verão de 1620 e chegou à costa do Massachusetts em finais desse ano (ver Rebecca Fraser, *The Mayflower: The Families, the Voyage, and the Founding of America*. St. Martin's Press, 2017). As profundas divisões que estas construções identitárias antagónicas geram na sociedade americana lembram as lutas culturais-políticas provocadas pelo livro de Martin Bernal *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, vol. 1 de 1987. Este sustentou que a civilização clássica grega (e o Ocidente, por extensão de ideias) tem as suas raízes no Oriente e no Egipto, ou seja, tem origens afro-asiáticas. Tornou-se uma obra de culto nos círculos progressistas e nos estudos afro-americanos, mas também suscitou reacções fortemente negativas, sobretudo nos defensores do cânone ocidental (ver

Harold Bloom, *O Cânone Ocidental*, trad. port. Temas e Debates, 2011). Tudo isto seria uma curiosidade histórico-cultural se não fossem as suas ramificações políticas.

5. A anterior presidência de Donald Trump, que culminou com o ataque ao Capitólio a 6 de Janeiro de 2021, efectuado por manifestantes que não aceitavam a vitória eleitoral do actual Presidente, Joe Biden, está ainda bem presente na memória dos europeus. Até agora, é o episódio mais extremo do sectarismo que impregna a política norte-americana e que se projecta nas relações com o mundo exterior, desde logo com a União Europeia. Todavia, este sectarismo não se dissipou com a derrota eleitoral de Donald Trump, até porque as suas origens são, como notado, bastante mais profundas. Assim, uma mudança de poder legislativo nos EUA tem, potencialmente, implicações significativas não só na política interna como na política externa. Nesta altura, é o grande envolvimento dos EUA no apoio político-militar à Ucrânia que levanta mais dúvidas se terá a mesma continuidade num eventual Congresso dominado pelos republicanos. O mesmo se poderá dizer quanto à agenda ambiental, confrontada com a crescente inflação gerada pelos aumentos do custo da energia e com o apoio republicano do sector petrolífero. Na sua relação com os EUA há uma coisa que europeus não vão poder continuar a ignorar: o sectarismo político — onde há visões radicalmente diferentes sobre a identidade e os valores morais profundos da sociedade — está a adquirir características estruturais na política interna (e externa) norte-americana. Acabaram os tempos do consenso bipartidário fácil, em que a alternância de poder entre democratas e republicanos era relativamente indiferente. A Europa vai ter de se preparar para viver com as duas faces da América: a que gosta e a que detesta.

<https://www.publico.pt/2022/11/07/mundo/analise/sectarismo-politico-eua-consequencias-europa-2026802>